



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 7 de Março de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 965 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Aniversário de O GAIATO

Vamos ouvir Pai Américo quando O GAIATO fez nove anos:

«O GAIATO faz hoje anos. Faz nove. Tem ainda dois anos à sua frente, antes de chegar à idade do Liceu. E assim tem uns seis para andar devagar e acautelado.

Quando for para a Universidade, isso então é que há-de ser!

Júlio vem ter comigo para fazer um número de festa. Júlio gosta de festas. Ele ama o jornal. Cada número que sai, vem mostrar, abre as páginas, indica, corre a mão por so-

bre o tipo: «Olhe que lindo!»

Eu digo que sim. Não é o Jornal. É ele. É a paixão por uma causa. A paixão é que faz rochas de grão de areia.

Este ano, porém, não faço a vontade ao Júlio e a festa vai ser feita por um de fora. É uma carta. Ei-la:

«Devo a O GAIATO momentos inesquecíveis de catequese real, efectiva, prática, tirando-me do mundo de egoísmo e ignorância em que vivia, levando a interessar-me mais pelos desafortunados. Deu-me tais exemplos de confiança, de serenidade e de coragem! É que eu não conhecia verda-

deiramente o Evangelho e vós, tendo-O tirado dos santos livros para a vida, permitiste-me uma melhor compreensão da sua maravilhosa beleza e sabedoria.»

Lindo! Beleza nascida de O GAIATO e que por sua vez o embeleza.

Passaram 28 anos e o «Famoso» faz hoje 37! E sempre nele, vivo e presente, o próprio Pai Américo: o seu pensamento, a sua Obra e a sua revolução de amor.

Revolução sem ódios nem tiros. Só o amor aos Outros, a luta quotidiana por uma ordem justa e, através destes 37 anos, a conversão contínua duma multidão de leitores ao amor dos Irmãos: dos sem casa, sem família e doentes.

Também neste aniversário a festa será feita pelos nossos leitores que apreenderam a sabedoria de Pai Américo. São eles o maior testemunho da sua presença e da verdade da sua doutrina.

Meditemos as páginas centrais e demos graças ao Senhor!

Só o Senhor é!

E onde Ele põe o Seu espírito até das rochas nasce pão!

No mesmo sentimento de gratidão queremos englobar os nossos milhares de leitores — sustentáculo material e espiritual da Obra da Rua.

Desejamos, ardentemente, que o nosso jornal vos continue a transmitir, todos os quinze dias, sempre o mesmo Fogo e um pouquinho de paz e de esperança.

«Tristezas. Alegrias. Dúvidas. Tudo quanto lava; tudo quanto tonifica; tudo quanto engrandece a alma — tudo foge do pavoroso desmoronar de que dá notícia a Imprensa diária e vem-se acolher a este abrigo de paz, cujo material é já paz.»

É tão bom possuir a paz e a esperança... neste mundo tão vazio!

Mas não só abrigo de paz. O GAIATO tem sido, nestes 37 anos, o toque de acordar para os problemas que afligem



os sem-voz, os que ninguém escuta. E ler as cartas dos leitores após cada mensagem do Calvário, do Património dos Pobres, de cada Casa, da Conferência e, até mesmo, das simples reportagens dos nossos rapazes.

Pai Américo chama-lhe ainda um semeador de alegria. Dão testemunho os apaixonados:

«Como fico contente ao receber O GAIATO! Ele me des-

perta sempre para o amor dos Outros. Tenho ocasião de os ajudar e isto me dá muita alegria.»

Alegremo-nos, pois, por mais este número de aniversário que saindo bem do coração, vai passar pelas nossas máquinas, correr mundo e bater tantas portas — para dar um pouquinho de amor e alegria ao vosso coração.

Padre Telmo

AQUI LISBOA!

«Leitor Amigo, tu também podes ser grande e fazer no mundo coisas grandes, que a verdadeira grandeza é ajudar os Oprimidos.» (Pai Américo)

Acompanhamos com atenção a viagem de João Paulo II pelo Oriente. Uma simpatia irradiante, um poder de comunicabilidade ímpar e uma capacidade de diálogo impressionante são características dominantes nas Suas viagens apostólicas. Mais do que isso, porém, impressiona-nos a vivacidade do Seu espírito, a profundidade e a clareza dos conceitos emitidos, a versatilidade das Suas intervenções e a Sua preocupação em denunciar as injustiças e em defender os Oprimidos. Nenhuma voz, no Mundo, quer se creia ou não, se reveste de tanta autoridade e isenção.

As palavras do Papa em Manila, nomeadamente defronte do bairro de barracas de folhas e de cartão, em Tondo, são um apelo à Igreja Universal e a cada um dos cristãos em particular. É que, se a Igreja Católica quer ser a Igreja dos Pobres, «não procure servir nenhum interesse político, nem poder, nem pretexto para a violência, mas pretenda salvar o homem na sua huma-

nidade e no seu destino sobre-natural». Sendo assim, muito gostaríamos que na praxis todos nós nos embebêssemos do espírito das bem-aventuranças e traduzíssemos na vida o que ele significa e representa.

Queremos uma Igreja pobre, sem privilégios nem ostentações, ao serviço de todos os homens, sem recurso a violências ou a pretensões de mando. A Igreja, como tal, não deve ser muleta de ninguém, muito menos de opressores ou dos ofensores da dignidade do Homem. A denúncia das injustiças e a defesa dos mais fracos, porém, não significa o perfilhar da violência ou a apologia do ódio entre os homens. Cada homem, «templo de Deus», defende-se, mesmo que inimigo, amando-se.

Despojamento, espírito de pobreza e sentido permanente dos Outros, é o que se pede a todos os cristãos, particularmente aos mais responsáveis. É certo que, sem certas bases materiais, não é possível uma vida digna e uma acção capaz.

Cont. na 4.ª página

FESTAS

Preparam-se, por aqui, as Festas. A pouco e pouco vai tomando substância aquilo que não é espectáculo, mas uma procura de criar alegria num encontro de amigos.

Sabemos que podemos contar com a amizade e boa vontade daqueles que nos irão receber nas terras que fizerem parte da nossa «tournée» e isso ajuda a nossa preparação.

Somos uma família grande dentro da nossa quinta, mas

os seus muros não limitam o tamanho da Família. Ela vai até todos os lugares onde bata um coração com amizade por nós. E porque a nossa família de fora está viva — disso temos a certeza — nós queremos abraçar com alegria a oportunidade de nos encontrarmos, pelo menos com parte dela, por ocasião das nossas Festas.

Por isso, amigos, até breve.

Padre Abel

Colaboração dos LEITORES

N. R. — Entre a correspondência que reservamos ao longo do ano — e é muita, toda ela marcada pelo Fogo do espírito — não é fácil escolher! São almas ardentes que lêem e vivem O GAIATO em profundidade. E muitos não sossegam, nem guardam só para si a Mensagem. Em todo o lado onde pousam, aí está O GAIATO, o Pai Américo, a Obra da Rua, os Pobres — o Evangelho vivo no meio da rua! Ao qual todos se rendem «para lá do seu credo, raça ou cor política» — segundo afirma uma cristã d'alqueres — naquele «espírito bem cristão de procurar a Paz entre os homens».

mento e com os olhos sempre postos em Deus. Tanta gente que sofre em silêncio — basta ler «O Calvário» — e eu, que devia entregar-me nas mãos de Deus com toda a confiança, não sinto mais forças para dizer o meu fiat até ao fim. Rezar já não sei, apenas chorar. Peço-vos uma oração a Deus por mim, para que bebendo o cálice da amargura até à última gota, eu possa

Que Deus continue a dar-vos força e alegria para continuardes o vosso trabalho, ultrapassando todas as dificuldades e preocupações. E vós continuai a dar-nos O GAIATO, cuja leitura é água viva para as almas cheias de sede como a minha.

Peço uma oração para que a chama da minha fé se reacenda e não continue cinza como agora.»

enquanto estou de férias, fazendo sacrifício por todos os pecadores.»

«Sou uma velha amiga da Obra e, apesar dos meus 81 anos, não me esqueço de pagar a assinatura. Sou uma amiga com pouco, mas muito ajudada por Deus e não ambicionando ter mais, pois «o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada».

E a Casa do Gaiato bem prova esta grande verdade — como raras vezes acontece neste pobre mundo — resistiu e caminha depois da morte de quem a sonhou e realizou! E sempre no Caminho que é o único Caminho!

O jornal, sempre admiravelmente bem escrito, consola pela sua pura Doutrina e pelas eternas verdades que prega e vive.»

«Sou assíduo leitor, no devorar quinzenal das vossas mensagens que, pelos seus altos ideais, não estiolam no marasmo massificante da nossa «sociedade urbana»; mas parece, paradoxalmente também, não atingirão, como deveriam, a esfera tecnocrata que comanda, neste pequeno rincão, a história da nossa comunidade.

Li ávidamente «Notas da Quinzena» de 26/7/80, eco da nossa própria forma de sentir naturalmente, como de alguns milhões de portugueses desmassificados e permanecendo povo, pensando para o povo e pugnando pelo povo — como vós.»

«Aqui estou a remeter a minha pequenina ajuda para a cobertura dos encargos do nosso «Famoso» que continua a ser o mais belo e succulento naco de prosa que se publica em Portugal.»

«Muito agradecida por todo o bem e por tantos benefícios que a leitura de O GAIATO e de todas as obras de Pai Américo têm trazido ao meu espírito.

Essa leitura tem-me ensinado a viver para os Outros e a esquecer-me de mim própria.

São páginas maravilhosas que deveriam ser difundidas por todo o mundo (o mundo está tão doente!), pois elas nos ensinam como se ama verdadeiramente o nosso Próximo e como se deve praticar a verdadeira religião pregada por Jesus Cristo — religião de amor, de paz, de perdão.»

«Sou pessoa razoavelmente ocupada, mas aceito que também já sofra desse complexo.

Isto vem a propósito, porque infelizmente são raras as vezes que leio O GAIATO e, como tal, não sei o que se passa nessa Casa. É um facto que a principal razão de eu ser assinante foi contribuir com a parte económica, mas é evidente que a leitura também é necessária.

Perdoem-me lá. Não vou prometer que agora irei ler todos os quinze dias, mas vou tentar expulsar este complexo de muito ocupado, para dedicar alguns minutos à leitura do nosso jornal.

Não sei porque escrevi estas simples palavras, pois normalmente costume enviar o valor da minha assinatura num simples cartão. Será para vos dar calor ou antes, pelo contrário, dar calor a mim?

Prometo durante este ano ir visitar a vossa Casa para assim admirar ainda mais a vossa Obra e ao mesmo tempo mostrar à minha filha, com 11 anos, o grande exemplo que ela nos dá, criada por um Padre — o Pai Américo.»

O «FAMOSO»

«Gosto muito de ler O GAIATO. Leio-o de «fio a pavio» e fico sempre com o coração inundado de ternura e amor pelos vossos rapazes e responsáveis. É que é... «Obra» transformar jovens, muitas vezes desviados, em homens honestos e equilibrados emocionalmente. Só mesmo o Amor de Cristo consegue os milagres que vocês realizam em cada dia. Está mais que comprovado que a chave do Reino dos Céus é o Amor. Havendo amor, tudo o resto nos vem por acréscimo.

Ao ler os testemunhos de verdadeira doação e desprendimento material, sinto-me envergonhada do meu contributo para Deus ser menos que 3 contos por mês! É verdade que os médicos, remédios, impostos, oficina do nosso velho carro, roupas, etc., quase levam todo o ordenado! Mas penso que dificilmente daria o meu primeiro ordenado ou o dinheiro possível de melhorar a minha saúde!

É por tudo isso que vos amo muito e estão presentes nas minhas orações. Devo dizer-vos que sou evangélica. Mas naquele espírito bem cristão de procurar a Paz entre os homens para lá do seu credo, raça ou cor política — que tantas vezes têm manifestado no vosso jornal — penso que não se importarão de me ter entre os vossos assinantes e admiradora-ferrenha.»

«Numa fase tão difícil da minha vida, em que atravesso horas de verdadeiro desânimo, quero que O GAIATO continue a ser um pouco de bálsamo no meu sofrimento. Vergonha minha é dizê-lo a vós, que passais horas de dificuldades e incompreensões e que mesmo assim continuais no vosso caminho sem desfaleci-

de novo sentir a alegria interior que deve sentir todo aquele que tem fé numa vida eterna.»

«Há já alguns anos sou assinante do vosso jornal, que deixei de receber após a independência de Angola. Voltei a recebê-lo, mais tarde, pois uma grande amiga minha se prontificou a pagar a assinatura, já que a mim me é impossível transferir a importância correspondente.

Sucede, porém, que essa amiga, tendo aqui uma vida desafogada, graças ao trabalho e sacrifício de muitos anos, tudo cá deixou, tudo perdeu e vive aí com grandes dificuldades, já com 60 anos e tanto ela como o marido, doentes — não tendo pois o direito de estar a sacrificá-la.

Ora sei que, apesar de todas as vicissitudes, continuais firmes no vosso propósito de continuar a grande Obra há anos aqui iniciada. Por isso, venho pedir que me digais se é possível pagar, cá, em Angola, a assinatura do jornal, que gostaria de continuar a receber, pois é o único que ainda leio.»

«Devem ter recebido um vale do correio destinado ao Calvário, pois não posso esquecer os doentes, já que eu sou também uma doente. O resto é para vós, para uma primeira urgência, de preferência para alguém que tenha fome ou frio. Pudera multiplicar por mil para que não houvesse mais uma criança abandonada ou maltratada, mais uma família com fome e sem tecto para se agasalhar, mais um doente desprezado e sem carinho!

«Envio o dinheiro das assinaturas do jornal que tanto admiro e estimo, vai já em 32 anos, pela mão dum bom amigo que me deu a conhecer e eu, à medida da minha capacidade, o vou dando a conhecer a outros. Espero ainda arranjar mais assinantes, mas tem de ser quando eles quiserem.»

«Gosto muito de ler O GAIATO pois é muito humano e transmite calor e bondade a todos quantos o lêem. Sou retornada de Angola, onde lá ficaram 20 anos de trabalho de meu marido, isto é: todo um sonho de um homem bom, honesto, trabalhador e, sobretudo, amigo verdadeiro de seu amigo. Mas todo este desgosto não tem comparação com o que sofro desde há anos, desde que meu marido faleceu. Sou viúva, situação dolorosa para um casal que foi imensamente feliz durante 14 anos. Peço a Deus que me dê luz no meu espírito para aceitar e compreender os Seus desígnios.»

«Sou uma moça de 16 anos, estudante, que vive muitos problemas como muitos jovens por aí além.

Gosto imenso de ler o vosso jornal. É pequeno. Sim, é pequeno em tamanho, mas grande no conteúdo que nos envia. Gosto muito de ler principalmente livros, revistas, jornais que preguem o amor, assim como Jesus andou pregando o amor, que muitos desprezam para se unirem a guerras, ódios e injustiças.

Mando-vos um vale de correio. Eu sei que é pouco, não dá para nada, mas para mim é muito porque é dado com amor. É dinheiro que gánhei andando a trabalhar nas terras

Voz de Emigrante

«Lembrei-me, finalmente, das Escolas Gráficas da Casa do Gaiato de Paço de Sousa que, num momento crucial da vida, me serviu de Mãe.

Hoje sou secretário da Portugiesischer Eltern Verein, ainda com pouco tempo de vida mas devidamente registada no Tribunal alemão e seguro em dia de todos os componentes. Tem quase 50 actores e os

nossos sócios só dispensam os filhos para os ensaios aos sábados. Esta é a cota que não dão, pagando ainda a Associação os bilhetes de eléctrico dos que comparecem aos ensaios. As festas que fazemos — a convite das entidades alemãs



Obra da Rua VOZ DA JUVENTUDE

«É com verdadeira alegria que escrevo para testemunhar a minha maior admiração pela Obra e pelo autêntico apostolado que exerceis, tanto pelas lutas e trabalhos que tendes constantemente, como pelo autêntico espírito cristão manifestado claramente em todos eles. Continuai, pois, sem desfalecimentos a vossa maravilhosa Obra para bem das almas e maior honra e glória de Deus.»

□

«Junto uma migalha, pedindo imensa desculpa por bem poucas vezes me ter lembrado dos nossos irmãos gaiatos.»

Admiro imensamente a vossa Obra através da leitura do «Famoso» e de alguns livros que leio com avidez e que pessoa amiga faz o favor de me emprestar, por saber quanto aprecio tudo o que faz parte da grandiosa Obra que o Padre Américo legou.

Quanto valores humanos se perderiam, que o egoísmo e a miséria de tantos lançou à rua!

Orai por mim, para que este pobre pecador se lembre mais vezes de vós.»

□

«Continuo a acompanhar a Obra com todo o carinho e ainda há pouco tempo muito me sensibilizou ver como o meu Pá- roco vos conhece e admira e vos franqueou a Igreja pondo todo o Ofertório à disposição da Obra. Espero que Deus lhe pague a dobrar o que vos deu.

Que vos não faltem nem o Amor dos homens nem a sua ajuda e principalmente as bênçãos de Deus.»

□

«A vossa Obra é tão grande e tão boa que tem um lugar à parte no meu coração. Vós trazeis-me a inquietação, como di-

ria Pai Américo, mas fazeis-me também lembrar com o vosso pequeno jornal qual é a minha obrigação e abris-me os olhos ao meu pequeno egoísmo. E, no entanto, não o faço só por obrigação, mas por amor e gratidão; gratidão pelo bem que fazeis aos Outros e gratidão pelas muitas horas de paz que me tendes dado, quando a cruz se torna mais pesada. Por cada criança que tirais do lixo das ruas e por cada doente que meteis no Calvário, fica em mim uma alegria e um sentimento de gratidão e respeito pela vossa entrega total a Cristo, pela vossa vida inteiramente à disposição do Senhor. Fica comigo também a pena de terdes de deixar de fora tantos milhares que estão em lista de espera porque não podeis deitar a mão a tudo; e ainda vos resta o Património dos Pobres, a Auto-construção, etc. É preciso a toda a hora uma multiplicação dos pães renovada, mas Deus não vos desampara, vai dando solução a tudo e quando vos parece que a não dá, é porque não temos suficiente fé e Ele quer a nossa participação para não cairmos num espírito de facilidade e auto-suficiência. Eu vou fazendo o que posso, pois não sou livre e tudo terá de ficar apenas entre nós; mas também quantas vezes não somos capazes de pequenas renúncias, pelo menos eu, que com elas eu podia ajudar-vos mais. Que Deus me perdoe. É certo que a minha vida é uma cruz pesada e que a saúde me falta tanto... Mas nada desculpa, pois há muito mais gente com um sofrimento muito maior e a quem tudo falta, material e moralmente.»

□

«Se nós vivemos uma fase de contestação e de dúvida — na

família, na educação, na escola, no emprego, na pátria — como seria possível os Padres da Rua não sofrerem o embate?

Será uma prova longa e dura, outras houve no decorrer da História e da História da Religião. Já entre a minha infância — de verdades sólidas, incontestadas, incontroladas — que vi cair aos bocados, reconhecendo a necessidade de imprimir novos rumos; e a mocidade de agora, incerta, céptica, recusando aceitar sem controlar, a diferença é tremenda. Suponho que eles irão ao encontro de fórmulas novas e mais claras das nossas velhas verdades — porque o mundo é transformação perpétua. A nós custará não vermos esse «crescimento...»

Evocando Pai Américo

«Ao ler o artigo «A Saboria do Dar», lembrei-me de um caso passado comigo, que prova, acho eu, que o Padre Américo não foi apenas «um mestre da ciência do dar» mas também um mestre, e grande, na ciência de pedir. Pelo menos a mim marcou-me, e para toda a vida.

Tinha 7 a 8 anos (tenho 51) e estava em Coimbra de visita a minha Avó. Fomos à Missa, um domingo, à Sé Nova, como de costume e levava uns tostões, poucos, talvez nem chegasse a cinco escudos. Na família achava-se que, vivendo nós bem e nada nos faltando, crianças pequenas não precisavam de andar com dinheiro no bolso; e se tinha naquele dia mais do que os dez tostões da ordem para dar no ofertório era porque havia uma feira de barros nos Olivais e tinham-me prometido ir lá comprar louça para as bonecas. Bem, começa a Missa e a homília falou o Padre Américo. Não sei o que disse. Sei que pediu. Era, julgo eu, no princípio da sua Obra e da época dos artigos num jornal de Coimbra que deram depois o «Pão dos Pobres». Era a época em que enchia de gaiatos um comboio e os levava a passar férias; em que trocava os sapatos que usava, tão gastos que já não tinham sola, por uns melhores que lhe acabavam de dar. Pois bem, eu tinha 7 ou 8 anos, ouvi a sua prática e quando chegou a minha vez de lhe pôr no saco a minha dádiva (foi Padre Américo que fez o pedido) dei tudo o que tinha, que era pouco, bem sei, mas dado com uma emoção que ainda hoje lembro. Foi, talvez, a primeira obra de caridade que fiz e talvez a mais completa.»

«Na passagem de mais um aniversário, pela primeira vez lembrado e festejado com uma

«Hoje, quando cheguei a casa, do trabalho, vi o jornal que me enviaram sobre um pequeno balcão. E sorri. Eu arranjo sempre um sorriso especial quando vejo O GAIATO lá em minha casa. É com o maior gosto que o recebo.

Um dia que eu tenha uma mota, começarei a ir aí aos domingos. Hei-de conhecer-vos a todos pessoalmente.

Tenho andado a ajudar o meu irmão na casa dele que está quase pronta, isto é, aos sábados; aos poucos e poucos está quase pronta! Só tenho os domingos livres.

Desde que me inscrevi como assinante de O GAIATO penso em vós, na vossa Aldeia, todos os dias.

Vou tentar tirar a carta de condução e espero conseguir alcançar o que penso...»

■

«Rogo a Deus para que todos se encontrem de boa saúde e que o amor de Cristo reine em todos os corações.

Envio aqui 200\$00 do jornal.

Desculpem a demora e de ser tão pouco. Mas eu sou um jovem estudante, não tenho ordenado, os meus pais também não são ricos. E temos cá tanta gente necessitada perto de nós, a quem também gostamos de dar o nosso contributo e, então, cabe pouco a cada um, mas é dado com muito amor.»

parte da família mais próxima, não posso esquecer-me dos que mais necessitam e mais sofrem, para com eles compartilhar. Por isso envio hoje um vale de correio para aquele ou aqueles que na altura tiverem mais urgência. É uma pequenina migalha, mas foi o que me deram para comprar uma prenda; e que melhor prenda eu podia escolher?!

Servirá também para festejar a entrada de Pai Américo para sacerdote. E que dia tão grande esse foi! Foram tantos e tão grandes os frutos que só nos resta procurar segui-lo, cada um como puder; e agradecer ao Senhor, de joelhos, num gesto de humildade e arrependimento pelas nossas cons-

tantes infidelidades e faltas de confiança. Por mim falo, neste caminho de dor que tem sido o meu, mas que não tenho sabido aproveitar para me colocar nas mãos d'Ele e Ele fazer de mim o que quiser, dia-a-dia, sem perguntas nem desesperos, aceitando o que vier, sem saber para onde vou, porque não sei onde Ele mora, nem o que quer de mim. Que Ele encha esta insatisfação da minha alma, que só em raros momentos se satisfaz no mistério do Amor que é Ele próprio.

Que o Senhor vos ajude sempre, mesmo nas horas de desânimo. O bem que nos fazeis é tanto, e que no-lo ides lembrando com o vosso jornal, que nada vos faltarão.»

As nossas Edições

«Tenho grande desejo de conhecer todos os livros do P.e Américo, indicados no postal, para completar a minha colecção.

Tenho sempre um à cabeceira para ler, antes de me deitar, algumas páginas, como fazia com a Bíblia. Não que tenha posto esta de parte, mas porque apenas quero ler todas as obras do P.e Américo, que eu tive a felicidade de conhecer quando vivia em Coimbra, minha terra natal. Lembro-me perfeitamente dele. É como se ainda estivesse vivo! Os livros dele ajudam a recordar esses tempos em que a Obra começava a criar corpo no seu espírito. Recordo perfeitamente as Colónias de Férias e a repercussão que tinham em toda a cidade. Até aquele pormenor de as senhoras lançarem os anéis, as pulseiras, o que tivessem de valor, no saco dos peditórios. Eu frequentava a Igreja de Santa Cruz, pertencia a

essa paróquia. Sempre que o P.e Américo falava, as lágrimas caíam no chão, em fontes abençoadas. Eu era uma criança e mesmo em adolescente o fenómeno, ou antes, o milagre dava-se... Via minha mãe chorar e chorava também, como ela, em perfeito silêncio, sem sequer tentar enxugar o rosto. Era uma espécie de purificação que se exercia em nossas almas.

Foi uma grande graça conhecê-lo pessoalmente! Mesmo quando me sinto mais carregada de egoísmo, não desisto de melhorar, de lutar para que consiga algum dia a verdadeira Caridade, o Amor que no P.e Américo era uma chama que o devorava. A minha alma é pequenina, não consegue grandes voos, mas luta, mesmo assim, para que Deus a melhore.

Por isso desejo ter sempre à mão todas as obras do P.e Américo...»

— lá vão dando para pagar o aluguer da sala quando fazemos espectáculos.

Ora, como precisamos de imprimir folhas e envelopes, resolvi escrever. Nós lidamos com entidades alemãs e portuguesas; ainda com os Ministérios em Lisboa, porque somos, sobretudo, uma Associação de Pais para a defesa do Ensino, pois nossos filhos falam e escrevem português com muita deficiência — por culpa das autoridades de Lisboa. Temos cá alunos a mais e professores a menos. Só nos sabem dizer que não há professores. E quando cá chega algum ministro ou coordenador do Ensino, abordamos o caso.

— Não há professores?, indagamos.

— Não, não há.

— E há professores de sobra para irem trabalhar para as ex-colónias?

Resposta das autoridades: — Portugal não tem dinheiro para colocar mais professores no estrangeiro.

— Que fazem, então, às re-

messas sempre crescentes enviadas pelos emigrantes?

— São investidas no progresso e desenvolvimento de Portugal.

Como primeira indústria fabricante de divisas, não temos direito a mais nada!

Assim, devido à carolice de uns tantos, se vai conseguindo que a nossa tradicional cultura ainda esteja de pé por estas paragens.

Lembro-me, há 7 anos, ser o sr. Padre Carlos que me valeu, mandando uns impressos com cânticos para a Missa, na cidade em que eu, então, trabalhava. Eis porque gostaríamos de imprimir folhas e envelopes, que dariam um cunho melhor à Associação que fundamos, e desejamos que progrida na defesa das crianças, com os ensinamentos da nossa cultura tradicional, porque muitas delas regressarão um dia; e as que vierem cá a ficar, não daremos nunca por mal empregado o tempo que com elas perdemos.»

● O Neutel, de 10 anos e olhos que roubam os nossos olhos e muito meigo, é o chefe dos pequenitos nos tempos livres. Eles são um rancho e o Neutel vê-se aflito. Alguns sentam-se no trabalho e outros só querem brincar. É ver o Neutel a pegar no braço dum e doutro a ver se os encaminha e os ocupa.

Agora o trabalho para eles é pouco: têm a seu cuidado a limpeza das ruas e largos e a rega das plantas. As folhas ainda não nasceram para cair. As ervas não aparecem com as camadas de geada que tem vindo. As plantas foram derretidas por tanto frio que tem feito. Vale-nos o salão onde eles passam horas e horas a brincar.

Ontem o Rui veio dizer que o Gonçalo andou a bater com um pau no Zé Miguel. O Rui,

TRIBUNA DE COIMBRA

com o irmão, foram os últimos a ser recebidos na nossa família. Vinham carregados de piolhos e sujidades. A mãe faleceu há meses e deixou estes filhos menores. O pai, operário fabril, tem-se visto muito desanimado.

O Diamantino, mal me viu, veio logo encostar a cabecita a meu lado. É muito meigo o Diamantino! Procura o carinho de todos e gosta de conversar. Tem seis anos e é o mais novo dos quatro filhos que a mãe teve. Na cédula não está o pai. A mãe não tinha capacidade para se defender. Foi sendo escravizada. Há um ano foi acometida de trombose cere-

bral e está no hospital à espera que o Pai do Céu a chame e a receba em Sua Casa e lhe dê o prémio pelos tormentos que tem passado na vida desta terra. Os filhos foram divididos por pessoas amigas. O Diamantino vivia na aldeia com uma velhinha de 71 anos, muito asseada e que o trazia muito asseado.

Olhando para eles todos dói-me o coração. Faltam-lhes as mães. Eles querem as mães. Eles precisam de mães. Mães que sejam mães. Andamos muito aflitos com os «mijados». São 32 que ainda... Quase todos os que chegam de novo trazem este mal. Muito chichi e muitos piolhos. A conta na farmácia para o ataque é sempre grande. Estamos a fazer campanha. Os chefes de camarata já têm ameaçado aqueles que lhes parece que é só preguiça.

Vamos lutando. Deus nos ajude a continuar na luta. Vamos lutando por uma sociedade que nos parece a instalar-se. Sociedade que se quer proclamar civilizada e se está a deixar escravizar pelo dinhei-

ro, pelas comodidades, pelo prazer, pela prostituição, pelo álcool, pela droga.

Vamos procurando criar este ranchinho de filhos, criá-los com todas as nossas deficiências. Há tantos que podiam criá-los e não querem! Egoístas! Máquinas!

Olhando à nossa volta encontramos a maior parte dos casais tão vazios! Um, dois. Um, dois. Um, dois. E muitos, nenhum. As crianças fazem tanta falta na vida! Filhos gerados e criados na renúncia. São os mais capazes, são os mais felizes. A grande preocupação — e para alguns parece a única — é procurar dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro. Casa,

casa, casa. Comodidades. Carro. Gozar a vida. Basta!

Temos a Casa cheinha de crianças, cheinha de vida. Fraldas de fora, ranho no nariz, calças desabotoadas, botas desapertadas, orelhas sujas, olhos remelados. Muitos colchões, cobertores, lençóis e pijamas a enxugar. Três Escolas Primárias com os lugares todos ocupados. Todos os mais velhos a quererem queixar-se. Mas a quem?

● Como de costume, e durante toda a Quaresma, vamos percorrer as igrejas da cidade de Coimbra nas celebrações dominicais. Queremos que a nossa mensagem seja só a de Jesus Cristo. «Deixai vir as criancinhas. Quem não as receber e não for como elas não terá o Reino de Deus.»

Padre Horácio

Festas



AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

Mas se as coisas estiverem ao serviço do homem e não o homem ao serviço das coisas, tudo mudará.

Os cristãos deverão assumir as suas responsabilidades e contribuir generosamente para o sustento do culto, libertando os consagrados das preocupações do material, para estes se dedicarem de alma e coração ao serviço das Comunidades. Há um mínimo, porém, sem o qual ninguém pode passar, por um lado, enquanto por outro, não se torna possível programar acções ou desenvolver iniciativas. Padres ou Religiosos sofrendo privações de todas as naturezas, e nós sabemos que os há, não podem desempenhar cabalmente as suas missões.

Saibamos todos assumir as nossas responsabilidades: Bispos, Padres, Religiosos de ambos os sexos e cristãos em geral. Vamos banir as ostentações e desprender-nos das preocupações mundanas, para melhor servirmos os designios e as finalidades do homem concreto, terrestres e sobrenaturais. Deixemos os palácios e as riquezas, as pretensões de mando e de poder, servindo-nos das coisas como se elas não existissem, para bem servirmos os homens nossos Irmãos. Assim, seremos Igreja dos Pobres, dado que o «espírito de pobreza é o que mantém a dignidade, aquele que

...faz anos, trinta e sete anos. Graças a Deus, que «é a alegria da sua juventude», festeja-os em período de expansão e em esforço de aperfeiçoamento que nos obriga a reconverter todo o mecanismo da sua expedição.

A equipa do jornal está trabalhando com afinco, mas não pode dispensar a ajuda dos Leitores. Mendão grava a passar de duzentas placas por dia e necessita de dados certos, para não operar em vão: Nomes que não nos apareçam de uma vez para outras com apelidos diferentes; e endereços correctos com todas as indicações: rua, número da porta, andar, esquerdo ou direito..., se em zonas urbanas; ou então,

se em zonas rurais, lugar e freguesia; e, de agora em diante, sempre o código postal.

Bom seria que estes elementos viessem em letra de imprensa, se não escritos à máquina, sobretudo quando se trata de nomes pouco conhecidos ou de caligrafias difíceis. Quantas vezes a carta passa de mão em mão, em busca da leitura certa de um endereço e nem sempre se acerta na interpretação!

Outra dificuldade provém de um excesso de boa vontade de alguns Leitores. Enviam os nomes de outros, sem os consultar previamente; e aí está, na volta do correio, o jornal devolvido com a nota de recusado. Foi todo um trabalho de montagem de uma nova assinatura, de que nada fica. **Propor** a assinatura, sim; **impô-la**, não.

Outros pagam a assinatura de outrem sem o identificar; e lá temos os nossos homens em buscas baldadas no ficheiro, forçados depois a inquirir do remetente esclarecimentos, quando este se identifica, o que às vezes também não acontece.

Nem o espaço deste número o consente, nem quero marcar com muitas prevenções o nosso público. Quero, sim, aproveitar a oportunidade do aniversário para pedir aos nossos Leitores e Amigos uma prenda para o **Famoso**: Que ponham toda a atenção e boa vontade na sua correspondência com a Administração do jornal em ordem a uma maior eficiência da nossa «desorganização organizada».

Padre Luiz

Padre Carlos

ZONA NORTE

MARÇO

31, às 21.30 h — Teatro Aveirense — AVEIRO

ABRIL

1, às 21.30 h — Teatro S. Pedro — ESPINHO

2 " " " — COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda: Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e bilheteiras do Coliseu.

8 " " " — Cine-Teatro Real-VILA REAL

10 " " " — Cine-Teatro Augusto Correia V. N. FAMALICÃO

29 " " " — Cinema S. Geraldo-BRAGA

Bilhetes à venda: R. Santa Margarida, 8 e bilheteiras do Cinema S. Geraldo

MAIO

8, às 21.30 h — Cine-Teatro João Verde MONÇÃO

15 " " " — Cine-Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Fevereiro: 44.050 exemplares